

Dois vultos avançavam pelo deserto infinito, enfrentando a tempestade de areia que os castigava. As pegadas que deixavam para trás eram rapidamente apagadas pelo vento implacável. De repente, um brilho vermelho surgiu sob os pés do jovem de cabelos brancos e manto negro. Um grito agonizante ecoou na distância, seguido por uma fumaça negra que se ergueu da areia. — O que foi isso? — perguntou o homem mais velho, esfregando o rosto coberto de geada. — Apenas um escorpião venenoso das areias — respondeu Xiao Bai, sacudindo a manga para revelar a criatura carbonizada. — Esses bichos adoram se esconder na areia para atacar desprevenidos. Ele olhou para o horizonte de dunas ondulantes, sentindo o ambiente hostil do deserto. Nunca havia estado num lugar tão inóspito. [Sistema: Adaptação ambiental ativada - resistência ao calor aumentada] — Velho Hai, quanto tempo até chegarmos à Cidade de Pedra? — perguntou Xiao Bai, tomando um gole de água. — Três dias nesse ritmo — respondeu Hai Bo Dong, examinando o céu e o vento. — Se estivéssemos voando, chegaríamos em uma hora. — Você pode voar?! — Xiao Bai quase engasgou com a água. — E não me disse isso antes? — Bem... — o velho ficou constrangido. — Na minha condição atual, só consigo carregar a mim mesmo. Pensei que você não podia voar, então... Sem dizer mais nada, Xiao Bai estendeu as costas e um par de asas energéticas de cor púrpura surgiram com um brilho intenso. — Puta merda! Você é um Rei Dourado?! — Hai Bo Dong quase caiu para trás, os olhos arregalados de choque. — Mas você nem tem vinte anos! — São só asas, velho — disse Xiao Bai, divertido com a reação exagerada. — Não é como se eu pudesse rasgar o espaço com as mãos. O velho ainda parecia atordoado quando suas próprias asas de gelo azulado surgiram. Com um movimento gracioso, levantou voo, com Xiao Bai seguindo logo atrás. No alto, o vento era muito mais suportável que a areia soprando no rosto. Em menos de uma hora, os contornos de uma cidade apareceram no horizonte. A Cidade de Pedra era diferente das metrópoles do interior do império - suas muralhas amareladas mostravam as marcas do tempo e das tempestades de areia. Rústica, resistente, como tudo no deserto. — E agora? — perguntou Hai Bo Dong enquanto atravessavam os portões da cidade. — O deserto é enorme. Procurar sem um rumo certo seria como achar uma agulha num palheiro. — Primeiro, encontramos uma pousada — decidiu Xiao Bai. — Amanhã seguimos para a área que você marcou no mapa. Ele não mencionou seus meio-irmãos da Patrulha de Ferro. Nesta linha do tempo, as coisas eram diferentes... muito diferentes. Os conflitos do passado tornavam melhor evitar esse encontro. Dois indivíduos da família Xiao se tornaram um verdadeiro incômodo para Xiao Bai. Um deles vinha com discursos nobres, desafiando-o abertamente, mas na verdade só queria uma desculpa para bater nele. O outro era ainda pior, agindo pelas costas, espalhando que Xiao Bai era arrogante e desrespeitoso com os membros da família. Mas ambos eram inexperientes demais, e suas artimanhas pareciam infantis aos olhos de Xiao Bai. Ele não chegou a sair prejudicado, encarando tudo como um passatempo para matar o tédio. O problema é que os dois eram teimosos — quando falhavam, insistiam imediatamente numa segunda tentativa, até que Xiao Bai começou a perder a paciência. No final, já farto da situação, Xiao Bai encenou uma cena dramática diante de toda a família Xiao, mostrando como o filho do patriarca não tolerava quem não tinha sangue Xiao nas veias. A trama quase causou uma ruptura entre a família e seus protetores, deixando o clã enfraquecido. Sem alternativas, o patriarca Xiao Zhan e os anciões da família foram forçados a expulsar os dois, tanto para aliviar a tensão quanto para acalmar os ânimos. A princípio, era para ser apenas por alguns meses, mas, uma vez fora, eles nunca mais voltaram. Já se passaram três anos. Lembrando do passado, Xiao Bai sacudiu a cabeça, imaginando o que aqueles dois andavam aprontando. — Será que evoluíram algo depois de todo esse tempo? — pensou, esboçando um sorriso irônico. Enquanto caminhava pelas ruas de Shimo City, os velhos paralelepípedos mal eram visíveis sob a espessa camada de areia amarela que cobria o chão. Os transeuntes tinham um ar agressivo, alguns carregando um leve cheiro de sangue. Os mercenários dali eram mais temíveis do que os da Vila Qing Shan, todos acostumados a lutar pela sobrevivência. — Aaah! — Um grito fraco chegou aos ouvidos de Xiao Bai. Em seguida, uma voz irritada ecoou: — Sai daqui, sua imprestável! Sangue sujo, criança sem-vergonha, tem coragem de ficar no meu caminho?! Xiao Bai olhou na direção do som e viu um homem musculoso, cheio de cicatrizes e com um rosto brutal, segurando uma menina pequena como se fosse um frango, prestes a jogá-la no

chão. Quando ela quase bateu a cabeça num degrau de pedra, Xiao Bai avançou e a segurou suavemente antes que caísse. A menina, ainda tremendo de medo, percebeu que alguém a havia apanhado e, timidamente, olhou para o homem de capa preta. — Obrigada... — murmurou, quase imperceptível. Assustada com os olhares de desprezo ao redor e com o homem que continuava xingando, ela se agachou, encolhendo-se e escondendo o rosto entre os joelhos, esperando a surra de sempre. Observando as expressões de nojo e medo das pessoas em volta, Xiao Bai logo deduziu quem ela era. — Hmph, de novo essa maldição ambulante. Como ainda tem coragem de viver? — comentou alguém. — Pois é! A mãe dela morreu há meio ano por causa da praga que carrega. Devia ter se matado logo, em vez de continuar trazendo azar! — Como será que sobreviveu todo esse tempo? Ninguém em Shimo City a contrataria pra nada. — Dizem que a Xue Lan, da Tropa Ferro do Deserto, tem pena dela e dá alguns trocados pra ela costurar e lavar roupas. Mas hein, essa Xue Lan é corajosa... Ou burra! Hein hein... O homem que havia atirado a menina parecia insatisfeito e se aproximou para continuar a agredi-la. Xiao Bai suspirou ao ver a reação da garota. A forma como ela se encolhia mostravam que aquilo não era novo para ela. — SUMAM! — A voz de Xiao Bai ecoou, carregada de energia espiritual, deixando todos tontos. Os espectadores, sentindo o perigo, olharam para o jovem de cabelos brancos e capa negra com medo. — Se em três respirações ainda estiverem aqui, morrem. O tom mortal fez o ar pesar. Os mercenários, acostumados ao risco, sabiam quando estavam em perigo e saíram correndo. — Parece que temos um corajoso aqui — disse Xiao Bai, fitando o homem que tentara agredir a menina. O sujeito estava pálido e imóvel, não por teimosia, mas porque alguma força invisível o mantinha preso no lugar. Xiao Bai ignorou-o por um momento e se abaixou perto da garota, que timidamente ergueu o rosto para olhá-lo. — Levanta. Ninguém vai te machucar enquanto eu estiver aqui. Ela o encarou, vendo que, embora seu rosto fosse severo, seus olhos eram gentis. Com um pouco mais de coragem, levantou-se. Foi então que Xiao Bai percebeu que ela segurava um pacote de papel, sujo de areia, como se fosse um tesouro. [Capítulo 69: O Pãozinho de Qing Lin] A menina tinha cerca de onze ou doze anos, postura frágil e um olhar perdido. Sob o olhar de Xiao Bai, seus olhos claros mostraram nervosismo, e ela baixou a cabeça ainda mais, apertando o pacote com força. — Não precisa ter medo. Qual é o seu nome? Ela respondeu em voz quase inaudível: — Qing... Qing Lin. — Qing Lin, pois então — disse Xiao Bai, acenando em direção ao homem paralisado. — Olha pra ele. Julinho levantou a cabeça, seguindo a direção que o dedo apontava. Quando avistou o homem grandalhão, seu corpo tremeu e ele baixou o olhar num piscar de olhos. — Não abaixe a cabeça, levante! — a voz que antes era suave agora soava severa. O coração de Julinho acelerou, mas mesmo com medo, ele reuniu coragem e ergueu o rosto. Só que, ao encarar novamente o homem imponente, acabou fechando os olhos com força.